

# CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS  
FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA 1998 N.º 17

HOMENAGEM AO DOUTOR J. M. PEREIRA DE OLIVEIRA



## AS RAZIAS DA RESTAURAÇÃO NOTÍCIA SOBRE UM MAPA IMPRESSO DO SÉCULO XVII

João Carlos Garcia\*

Poucos são os mapas portugueses impressos do século XVII. É no contexto da restauração da independência portuguesa, após 1640, que encontramos alguns (muito poucos) exemplares que directamente se ligam às campanhas militares cujo palco privilegiado foi o Alentejo central e a Estremadura espanhola contígua<sup>1</sup>. Não se trata, naturalmente, de mapas militares no sentido estrito, já que esses permaneceriam manuscritos e secretos; são antes documentos apologeticamente de vitoriosas batalhas e dos seus chefes militares. No quadro da cartografia impressa europeia coeva, nada de original se nos depara: os processos de produção e a finalidade da mensagem são os mesmos. O único reparo é o universo ser tão breve e tão pobre.

Contudo, o nosso objecto de estudo é outro, talvez mais interessante porque mais específico. Trata-se de um mapa impresso em Paris, abrangendo um espaço geográfico muito restrito da Estremadura espanhola, junto à fronteira portuguesa, mas inserto num livro publicado por portugueses, tendo em vista a propaganda pró-Portugal no estrangeiro, no quadro do reconhecimento político da nova dinastia por parte das outras nações europeias (ver figura).

O pequeno volume editado em Paris, em 1644 (in 4º) tem por título: *Francia interessada con Portugal en la separacion de Castilla. Con noticias de los intereses comunes de los Principes, y Estados de Europa*<sup>2</sup>. O autor é o Doutor António Moniz de Carvalho, Comendador da Ordem de Cristo, Desembargador da Casa da Suplicação e Conselheiro da Fazenda, que dedica a obra à “Magestad Christianissima de Doña Ana de Austria, Reyna Regente de Francia y de Navarra”. O texto é editado em castelha-

no, à semelhança de muitos outros, já que era essa uma das línguas de maior circulação na Europa culta, mas também a língua do inimigo que devia conhecer as vitórias dos portugueses. Porém, a principal razão é a rainha ser espanhola mas, filha de Filipe III. O autor, na dedicatória, lembra os laços de sangue que a ligam a Portugal e a sua entrega a nova pátria, a França: “(...) si la Cesarea Casa de Austria con lo más sublimado de su sangre, concurriendo las venas de Portugal, pudo formar en vuestra Magestad un cuerpo de España, vuestra Magestad elevandosse en simisma, ha depuesto el cuerpo, y la sangre, y quedó sola una alma de Francia; igualando a una Reyna Blanca, también de España, madre de Luis el Santo, otra que ha sido esposa de Luis el Iusto”<sup>3</sup>.

Paris era o principal centro europeu onde se organizavam as acções diplomáticas e a propaganda anti-espanhola<sup>4</sup>. São conhecidos os interesses franceses em tais acções, como são conhecidos os apoios diplomáticos e políticos de Ana de Austria à coroa portuguesa, embora com escassos resultados concretos.

O embaixador em Paris era D. Vasco Luís da Gama, Conde da Vidigueira, que permaneceu então na capital francesa entre 1642 e 1646. António Moniz de Carvalho (1610-1654) era secretário da embaixada mas com um já importante curriculum na diplomacia pós-restauracionista, donde avulta a participação na embaixada enviada às cortes dinamarquesa e sueca, em 1641<sup>5</sup>.

As suas capacidades de polígrafo polemista do novo poder em Portugal haviam já dado como fruto, alguns

\* Instituto de Geografia. Faculdade de Letras. Universidade do Porto.

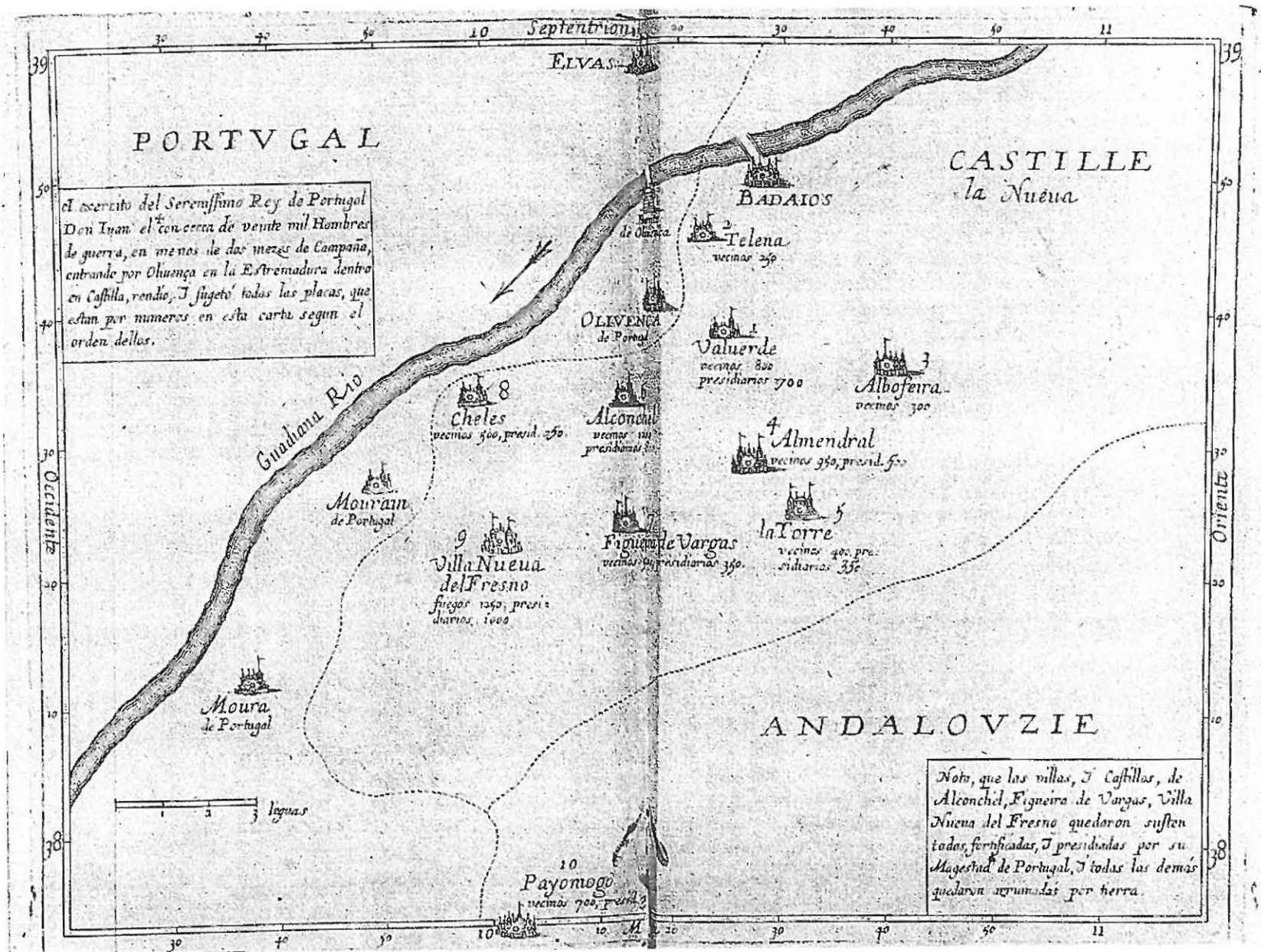
<sup>1</sup> Tais são os casos da *Carta da Fronteira do Alentejo* (c. 1646) de João Teixeira ALBERNAZ I e da *Carta do Alentejo* (1665) de Bartolomeu de SOUSA. Para o primeiro mapa preparamos um estudo detalhado. Sobre a correspondente cartografia manuscrita, ver de Suzanne DAVEAU – “Lugares e Regiões em Mapas Antigos” in *Lugares e Regiões em Mapas Antigos*, Lisboa, Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses, 1997, p. 39-40.

<sup>2</sup> Em Paris, En la Oficina de Miguel Blageart, 1644, V-126 p. Inocêncio Francisco da SILVA dá notícia de uma outra edição no mesmo ano, em Barcelona, por Sebastian de CORMELLAS (*Diccionario Bibliographico Portuguez*, I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858, p. 208). O autor publicará uma segunda obra com características semelhantes, três anos depois, aquando da segunda embaixada a França do Conde da Vidigueira: *Esfuerzos de la Rason para ser Portugal incluido en la paz general de la Christianidad, conforme a las obligaciones y empeños de Francia con memoria de lo representado a la Magestad de la Reyna Regente* (Paris, 1647).

<sup>3</sup> A. Moniz de CARVALHO – *Francia... op. cit.*, p. (3) da dedicatória. Será talvez de recordar os plenos poderes de governação de Ana de Áustria, que em Março de 1643 exonerara o Conselho de Regência, no dia anterior à batalha de Rocroy, uma celebrada vitória francesa sobre os espanhóis, nos Países Baixos.

<sup>4</sup> Ver João Francisco MARQUES – *A Parenética Portuguesa e a Restauração (1640-1668)*, I, Porto, Centro de História da Universidade do Porto, 1989, p. 261-262.

<sup>5</sup> Na sequência da viagem publica: *Memoria da jornada e successos que houve nas duas embaixadas que Sua Magestade mandou aos reinos de Suecia e Dinamarca*, Lisboa, por Domingos Lopes ROZA, 1642. Em *Francia...* Moniz de Carvalho não deixou de lembrar o precioso auxílio sueco: “(...) muchissima quantidade de todas armas, y municiones, peças de artilleria de bronze, y hierro, polvora, arboles, xarcias, y aprestos para Naves, de que le vinieron cargadas, trez de la Corona de Suecia.” (*op. cit.*, p. 64).



opúsculos latinos publicados no estrangeiro, e o volume editado em Paris apresenta também uma forte componente jurídica, que revela a formação em Leis, do autor. Mas sobre a redacção e impressão de *Francia interessada con Portugal* possuímos um curioso testemunho divulgado por Inocêncio Francisco da Silva, um documento da Inquisição datado de 1650: *Declaração que faço eu Manuel Fernandes Villa-Real, preso n'este carcere do santo officio*.

Manuel Villa-Real foi cônsul de Portugal em Paris durante a estada de Moniz de Carvalho e a ele se devem muitas das publicações das obras portuguesas (suas e de outros autores) nos prelos franceses<sup>6</sup>. Refere na sua *Declaração*: “Pelo mez de maio, ou junho do anno de 1643, me communicou o dito Antonio Moniz certo discurso breve, que tinha feito, e que me pareceu que o assumpto era digno de publicar-se, lhe disse o augmentasse, e para isso lhe dei dois ou tres livros de que podia valer-se. E porque eu fui n'aquelle tempo dar liberdade aos portuguezes, quando vim o achei doente, e me deu o que tinha escripto, pedindo-me o visse para se imprimir. Fiz o que me ordenou, e o comecei a imprimir.” E termina confiando em Moniz de Carvalho, caso este seja chamado como testemunha para o seu caso: “(...) e fio eu tanto de seu bom natural que me atrevo a dizer – estarei por tudo o que elle de mim disser. O livro é *França interessada com Portugal*”<sup>7</sup>. Os argumentos a favor da inocência de Manuel Villa-Real não serão suficientes. O ex-cônsul e editor da *Década XII da História da Índia* de Diogo do Couto, acusado de judaísmo, foi garrotado em Auto de Fé, em Lisboa, em Outubro de 1652.

*Francia interessada con Portugal* tem um claro objectivo. As diversas vantagens que terá o estado francês na separação entre Portugal e Espanha enumera-as Moniz de Carvalho ao longo de sete “Demonstrações”, ao mesmo tempo que lembra à corte francesa, os apoios que Portugal tinha recebido dos diversos países não aliados de Espanha.

Na Demonstração I, “En la raçom de Estado General” e, particularmente, no sub-tema “De lo que contribue la separacion de Portugal a Francia, contra los refferidos designios de Castilla”, faz o autor uma pequena resenha de História e de Geografia de Portugal. A Demonstração II trata dos diversos aspectos “De la Aliança” política e diplomática entre os dois países e a Demonstração III, “De la Marina”, aspecto decisivo na guerra então em curso.

Ao nosso estudo interessa, em especial, a Demonstração IV, “En la diversion defensiva y offensiva, que à causado Portugal a Castilla”. Aqui se descrevem apologeticamente as campanhas militares dos portugueses contra os espanhóis desde 1640 e, particularmente, as acontecidas nos últimos meses de 1643. Os heróis e os feitos ficam na prosa, mas para retratar a extensão do território atingido e ocupado mandou o autor construir um mapa. Dele falaremos em detalhe.

*Francia interessada con Portugal* termina com mais três capítulos. A Demonstração V trata “De los intereses particulares de los vassallos” e as VI e VII das características e importância dos tratados: “Para hazer los tratados de Pazes a sus ventajas” e “Para que se conserve la paz de todos, se guarden los tratados, y no se rompan”. Mas voltemos à Demonstração IV que Moniz de Carvalho reservou para narrar os feitos militares desde a aclamação do Duque de Bragança como rei de Portugal<sup>8</sup>. Definidas as características das fronteiras e da guerra, passa o autor a descrever, ainda que brevemente, os sucessos militares desde 1641. O objectivo é, porém, a campanha mais recente: “(...) dexando, estas, y otras entradas servirá más a los ojos para esta demonstracion la ultima campaña del año que acabó de 1643 para que en una sola se miren los progressos de muchas, y se sepa que si son muchas las fronteras es para que sean más las victorias”<sup>9</sup>.

Os eventos descrevem-se de Norte para Sul, iniciando-se com o ataque à Galiza pelo Conde de Castelo Melhor, em Maio de 1643 e terminando com as campanhas do Alentejo, em Novembro do mesmo ano. E termina o autor: “Estos son los progressos, que hizo el exercito de Portugal dentro de las tierras del enemigo en menos de dos meses de campaña, y de aqui se verá si son solo correrias ó entradas las que se an hecho, y para ponerse todo más a los oyos va aqui junta la carta que se sigue, en que se puede ver la grande diversion, que hizo Portugal a Castilla en sola la campaña passada”<sup>10</sup>. Na opinião de Moniz de Carvalho, tão importante e gloriosa campanha militar foi esta última avançada portuguesa em terras da Estremadura, que decide mandar imprimir um mapa de grande escala, não só para informação e recreação dos leitores, mas como um monumento aos feitos bélicos portugueses.

<sup>6</sup> O provavelmente mais famoso dos seus panfletos é *Anti-caramuel ó defença del Manifiesto del Reyno de Portugal a la respuesta que escrivio D. Juan Caramuel Libkowitz*, publicado em Paris, no mesmo impressor de *Francia* de Moniz de CARVALHO (Miguel Blageart), em 1643.

<sup>7</sup> Inocêncio Francisco da SILVA – *Op. cit.*, XVI, p. 205. Sendo este o contexto cronológico e histórico da redacção da obra e recordando os termos da dedicatória, não compreendemos o reparo de J. Verissimo Serrão que justifica a sua existência na sequência da subida (formal) ao trono de Luís XIV, em 1644 “(...) para convencer o novo rei na urgência de uma liga formal com D. João IV” (*História de Portugal (1640-1750)*, 2ª ed., V, Lisboa, Verbo, 1982, p. 65).

<sup>8</sup> “Hizo fortificar la marina con reductos, y trincheras de muchas leguas, levantó fortalezas que estavan derribadas, fortificó los Castillos, que avia, guarneciendolos todos de soldados, officiales, municiones, y vivres, y porque en muchas partes de sus fronteras los Reynos de Portugal, y Castilla, se dividen solo por rios, y pequeñas riberas, y en otras solo por señales de piedra, mandó su Magestad guarnecer, y acudir a todas sus fronteras con Capitanes generales, y Soldados, con 15000 Infantes, y quatro mil Cavallos divididos, para que con la gente de las comarcas, no solo deffendiessen el passo al enemigo, más aun entrassen en sus tierras con invasiones continuas, con lo que obligó al Rey Catholico a poner presidios, y soldados pagados.” (A. Moniz de CARVALHO – *Francia...*, *op. cit.*, p. 65).

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 68.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. n. n.

O mapa não tem título mas representa a faixa fronteira da Estremadura espanhola entre Badajoz e Villanueva del Fresno<sup>11</sup>. No limite sul da carta encontramos ainda Paymogo, já na Andaluzia. A representação é cortada no sentido NE-SW pela figuração do rio Guadiana e, na sua margem direita apenas se localiza a cidade de Elvas. Todo o espaço em branco ocupado por “Portvgal” é aproveitado para inscrever um largo texto com esquadria: “el exercito del Serenissimo Rey de Portugal Don Iuan el 4 con cerca de veinte mil Hombres de guerra, en menos de dos mezes de Campaña, entrando por Oliuença en la Estremadura dentro en Castilla, rendió, I sugetó todas las plaças, que estan por numeros en esta carta segun el orden dellos.”

Todo o mapa está centrado sobre o espaço espanhol da margem esquerda, alvo dos ataques portugueses. Aí se localizam apenas os núcleos populacionais mas sem uma clara distinção da sua importância através dos símbolos gráficos. As minúsculas “vistas” das povoações são todas diferentes e o número de torres ou bandeiras desenhadas não parece ter qualquer relação com a dimensão demográfica e militar dada através dos valores inscritos junto aos topónimos. Estes números são atribuídos apenas às dez povoações atacadas pelos portugueses; nem Badajoz e Elvas, nem as vilas portuguesas de Olivença, Mourão e Moura, com a indicação “de Portugal” os apresentam. A dúvida poderia, de facto, levantar-se, já que a fronteira hispano-portuguesa é figurada com o mesmo tracejado que separa “Castille la Nueva” de “Andalouzie”, palavras que traem o desenhador (ou gravador) francês. Encontramos ainda figurados no mapa a direcção do curso do Guadiana (por uma seta) e as duas únicas pontes que existiam sobre o grande rio, desde a foz: a “Ponte de Olivença” (Ponte da Ajuda, com a sua torre) e a ponte de Badajoz, não identificada mas desenhada.

A importância demográfica e militar é dada, como referimos, pela divulgação junto ao topónimo, do número de *vecinos* e de *presidarios*, com excepções para Villa Nueva del Fresno (*fuegos* e *presidarios*) e Telena e Albofeira (apenas *vecinos*). Segundo esta elementar (e naturalmente manipulada) estatística de Moniz de Carvalho, existem claramente três grupos de povoações, quer do ponto de vista demográfico, quer militar, mas que não são coincidentes. Quanto aos habitantes é Villa Nueva del Fresno a mais importante povoação (1250 fogos), que faz frente à vila portuguesa de Mourão, logo seguida de Alconchel (1200 vizinhos). Num segundo grupo, com 700 a 950 vizinhos, encontramos Paymogo, Valverde e Almendral e, num terceiro, com 250 a 500 vizinhos, Telena, Albofeira, La Torre, Figueira e Chelos. Do ponto de vista militar é Valverde que lidera (1700 *presidarios*), em seguida estão Villa Nueva del Fresno (1000) e Alconchel (800),

finalmente com 250 a 500 *presidarios*, as restantes povoações.

No canto inferior direito do mapa existe um outro texto enquadrado, uma “Nota, que las villas, I Castillos, de Alconchel, Figueira de Vargas, Villa Nueva del Fresno quedaron sustentadas, fortificadas, I presidadas por su Magestad de Portugal, I todas las demás quedaron arruinadas por tierra.” Para além do forçado dramatismo, a comparação de todos os números apontados com as diversas fontes existentes não é, naturalmente, pacífica<sup>12</sup>. Finalmente, também a efectiva importância das campanhas realizadas pelos pequenos exércitos portugueses está patente na restrita extensão do território inimigo atingido e na pequena dimensão dos núcleos populacionais ou pontos militares atacados<sup>13</sup>.

Dado que a localização (quer absoluta, quer relativa) das povoações não é de modo nenhum exacta, torna-se difícil o cálculo de uma escala, pese embora a presença de uma escala gráfica de três léguas. Contudo, efectuando várias medições chegámos a um valor aproximado de 1:540.000, como escala média, que não corresponde ao valor obtido a partir das coordenadas geográficas. É assim um mapa menos pormenorizado que os conhecidos de João Teixeira Albernaz I para a mesma época (*Carta Gulbenkian* de c. 1640 e *Mapa da Fronteira do Alentejo* de c. 1646), mas de escala bastante maior que as cartas estrangeiras impressas das províncias espanholas, divulgadas nos grandes atlas do Norte da Europa. Uma última nota sobre os elementos deste mapa é a indicação dos pontos cardeais e a presença de coordenadas geográficas sobre a esquadria da carta. A longitude é referida, naturalmente, ao meridiano das Canárias.

O mapa inserto em *Francia interessada con Portugal* representa, como deixámos dito, o palco de acção dos exércitos portugueses nos últimos meses de 1643. São três as razias militares que explicam a repartição espacial das povoações atacadas. D. Vasco Mascarenhas, Conde de Óbidos, cerca e ocupa a vila de Valverde de Leganés e, daí ataca o lugar de Telena que “fue abrazado”<sup>14</sup>. O desaire deste general foi a tentativa de cercar a cidade de Badajoz,

<sup>12</sup> Bastará comparar com os números figurados no *Mapa da Fronteira do Alentejo* (também gravado), de João Teixeira Albernaz I (c. 1646), existente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

<sup>13</sup> Ver António Camões GOUVEIA e Nuno G. MONTEIRO – “A Milícia” in *História de Portugal* (dir. José Mattoso), IV, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p. 197-203.

<sup>14</sup> Sobre esta antiga povoação ver: “Aportaciones sobre Telena” de Maria Dolores GÓMEZ-TEJEDOR CÁNOVAS e Maria Adelaida de PERALTA OLEA in *Encuentros/Encontros de Ajuda. Acta, Ponencias y Comunicaciones. Olivença, 1985*, Badajoz, Diputación Provincial de Badajoz, 1987, p. 443 ss. Sobre a manutenção da importância militar do forte de Telena é testemunha a cartografia da segunda metade do século XVII e início do século XVIII, como o mapa de G. Bailleux, publicado em Paris, em 1704, sob o título: *Le Portugal et ses frontieres levée sur les Lieux par Ordre de Philippe IVe Roy d’Espagne*, construído com base no mapa de Portugal de Pedro Teixeira Albernaz, de 1662.

<sup>11</sup> O mapa gravado (p&b) tem 21X28 cm, correspondendo (aberto) a verso e recto de duas páginas e encontra-se inserto entre uma página não numerada e a página 74, na sequência da citação anteriormente feita.

sucedendo-lhe no governo das armas Matias de Albuquerque que ataca e ocupa sucessivamente as actuais vilas e povoações de La Albuera, Almendral, Torre de Miguel Sesmero e Alconchel “celebrada no tanto por su grandeza, como por la fortaleza que tiene, en un Castillo, que es el más poderoso, y fuerte de la Estremadura”. Conquistado Alconchel é enviado “un troço a la Villa de Cheles, y la dexo quemada, y por el suelo.” Seguiu-se Higuera de Vargas e, finalmente, Villanueva del Fresno, “plaza de las más populosas, guarneçidas, y ricas de aquellas partes”. Uma clara intenção de progressivamente isolar Badajoz de apoios para Sul, como posteriormente se tentará fazer para Leste, ao longo do Guadiana e para Norte. As acções militares na área completam-se ainda mais para Sul, a partir de Beja, com o ataque de António de Mello de Castro a Paymogo, em 9 de Outubro de 1643<sup>15</sup>. Terminavam assim as operações militares no Alentejo, nos meses de Outubro e Novembro de 1643. As hostilidades conhecem então a pausa de Inverno<sup>16</sup>.

É no início de 1644, mas antes do mês de Abril (já que não temos notícia da batalha de Montijo), que Moniz de Carvalho completa a sua obra<sup>17</sup>. Recordamos que ela tivera uma primeira versão em Junho do ano anterior, como nos dissera Manuel Villa-Real. Não sabemos quais as fontes cedidas pelo cônsul ao autor mas, certamente, várias das Relações impressas em Lisboa desde 1641 e, em particular, aquelas onde se narravam as últimas campanhas militares. Tal é o caso da *Carta que se escreveo do nosso exercito en 23 de Setembro. Em que se dá relação da entrada em Valverde, & campos de Castella, & cerco de Badajoz, & tomada do alto da parte de Castella* e da *Relaçam do sitio, que o exercito de Sua Magestade poz a Villa nova del fresno, & tudo o que nelle passou até ser rendida, & capitulaçoens com que se entregou*<sup>18</sup>.

Refere o próprio Inocência Francisco da Silva que arrola a relação, que ela termina com a seguinte nota: “Tem o nosso exercito até o presente tomado & abraçado ao inimigo as terras seguintes: S. Valverde, Albufeira, a Torre, Almendral, Alconchel, e Figueira de Vargas, Cheles, & Villa nova del Fresno”<sup>19</sup>. E lembra Inocência que os factos referidos se enquadram num período compreendido

entre Setembro e Novembro de 1643. Parece ser esta uma fonte directa para a construção do mapa. Aliás, as duas etapas de redacção e impressão (?) do texto de Moniz de Carvalho detectam-se nos supostos erros de paginação<sup>20</sup>. Será para entrarem as últimas notícias sobre as campanhas de Matias de Albuquerque e de António de Mello de Castro, que são intercaladas três páginas, entre as numeradas 73 e 74? Mas tantos são os erros na paginação. A partir da página 74 continuam as notícias militares... ultramarinas e a conclusão da demonstração. No meio, o mapa.

Foi a sua existência que motivou a nossa atenção para a obra de Moniz de Carvalho mas sobre ele temos afinal pouca ou nenhuma informação. A sua gravação em França (Paris?) parece não levantar muitas dúvidas, apesar dessa indicação não constar na carta. No entanto, podemos reter alguns indícios, como os já referidos erros na toponímia e, particularmente, a utilização de simbologia gráfica para grandes escalas, de apurada minúcia técnica e que encontramos na desenvolvida cartografia do norte da Europa. Mas que dizer das fontes manuscritas? Foi o esboço feito em Portugal, enviado depois para Paris e entregue pelos diplomatas portugueses ao gravador?

Atendendo à elementaridade do mapa, inclinamo-nos mais para uma outra hipótese. Sobre uma base cartográfica pré-existente, de alguma folha de atlas, se isolou o espaço a trabalhar, aumentando-lhe a escala, e sobre essa nova base se lançaram as informações divulgadas pelas *Relações* impressas<sup>21</sup>. Terá havido sempre um (ou vários) esboços manuscritos portugueses, como ajuda na localização da rede de povoações mais pequenas, não figuradas nos mapas impressos estrangeiros. Aliás, a existência de topónimos espanhóis “aportuguesados” talvez seja uma das provas desta ideia.

É bastante difícil detectar hoje a primitiva base cartográfica impressa (se o foi) de entre as dezenas de variantes insertas em atlas holandeses, por exemplo, como são os casos das obras de W. Blaeu ou de J. Janssonius, pensando apenas em edições com datas próximas do mapa em estudo. Mas a cartografia francesa nunca deixou de se interessar pelo espaço geográfico da nação vizinha, tantas vezes inimiga<sup>22</sup>. Para datas mais próximas do nosso mapa bastaria lembrarmos o atlas de Tassin, geógrafo régio, *Cartes*

<sup>15</sup> Cfr. F. NÚÑEZ ROLDÁN – *La vida rural en un lugar del señorío de Niebla: La Puebla de Guzmán (siglos XVI al XVIII)*, Huelva, Diputación Provincial de Huelva, 1985, p. 177.

<sup>16</sup> “Para invernar por diversos alojamentos se retirou da campanha o exercito Portuguez, deixando nas terras do Inimigo guarnecidas as Praças, que conquistou, e previo de mais utis consequencias para os intentos de continuar com as hostilidades a seguinte Primavera.” (Frei Rafael de JESUS – *Primeiro Volume da 18ª Parte da ‘Monarchia Lusitana’*, II, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1985, p. 60).

<sup>17</sup> O ano de 1643 é várias vezes citado no texto como “año proximo passado”.

<sup>18</sup> Lisboa, Paulo CRAESBEECK, 1643, 8 p. e Lisboa, Domingos Lopes ROSA, 1643, respectivamente (Inocência Francisco da SILVA – *Op. cit.*, XVIII, p. 192 e 195-196).

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 192.

<sup>20</sup> No VIII volume do seu *Diccionario*, Inocência corrigia o que deixara dito sobre *Francia...*: “Consta realmente de V-126 pag., posto que por erros e saltos na paginação a penultima apparece numerada 105.” (VIII, p. 256).

<sup>21</sup> Sobre o aproveitamento cartográfico da imprensa portuguesa seiscentista, no quadro da Geografia histórica, ver o estudo de Rui Alcântara CARREIRA: “Um espaço de conflito – A fronteira da Beira (1663-1667)”, in *A Península Ibérica – Um espaço em Mutação. Actas. VI Colóquio Ibérico de Geografia, Porto 1992*, III, Porto, Universidade do Porto, 1995, p. 1211-1218.

<sup>22</sup> Ver os estudos de Monique PELLETIER e de Philippe PROST, in *La Cartografia Francesa*, Barcelona, Institut Cartogràfic de Catalunya, 1996.

*generales des provinces de France et d'Espagne revües, corrigées & augmentées* (1633), que inclui além de um mapa geral de Espanha, cartas de Aragão, Galiza e Leão, Portugal, Andaluzia, Granada, Valência, Catalunha, Castela a Nova e Castela a Velha<sup>23</sup>. O atlas foi reeditado justamente em 1644 e em 1648, por Nicolas Bercy. Uma outra obra cartográfica do mesmo tipo, que incluía também os reinos de Espanha, preparava-se em meados da década de 40: *Parallela Geographiae Veteris et Novae* do jesuíta Philippe Briet. Os mapas 41º e 42º do I vol. (1648) intitulam-se, “La Castille Septentrionale avec ses dependences” e “La Castille Meridionale avec ses dependences”<sup>24</sup>. Destas colectâneas ou de outras poderia ter saído a base do mapa das razias portuguesas descritas na Demonstração IV de Moniz de Carvalho.

A partir do texto compreendemos melhor o esquematismo e simplicidade da carta produzida. A intenção foi “ponerse todo más a los oyos” do leitor para que este ficasse ciente dos últimos feitos militares. Trata-se de um esboço “geo-estratégico”, a que a numeração da sequência da campanha dá movimento, mas sem detalhado fundo de mapa onde poderiam constar a rede hidrográfica ou os acidentes de relevo, tão importantes na arte da guerra. Assim, colocaram-se exclusivamente as peças sobre o tabuleiro do espaço e apenas próximas das suas posições relativas. As localizações e os valores das distâncias entre povoações parecem mais desequilibrados para o interior e quando se trata de núcleos mais pequenos, mas a dimensão restrita da área e os poucos fenómenos figurados não permitem muitas outras conclusões.

---

<sup>23</sup> A Paris, par Martin Gobert, 1633 (cfr. Mireille PASTOUREAU – *Les Atlas Français XVIe-XVIIe siècles. Répertoire bibliographique et étude*, Paris, Bibliothèque Nationale, 1984, p. 443). Sobre as fontes de Tassin afirma a autora: “Les sources de Tassin nous sont inconnues. Il utilise certainement pour l’Espagne un ouvrage espagnol car il laisse les titres des cartes dans cette langue.” (*ibid.*, p. 442).

<sup>24</sup> Paris, SEBASTIANI et Gabrielis CRAMOISY, 1648 (*ibid.*, p. 89-91).